

V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

O ÍNDIO NA LITERATURA E SEUS ASPECTOS IDENTITÁRIOS

Marília da Silva Freitas

Vânia Carolina Gonçalves Paluma¹

Resumo: A figura do índio como essencialmente brasileira foi sendo modificada desde o período colonial até os dias de hoje, e a literatura brasileira retrata essas transformações de diversos modos, com o índio como personagem recorrente em vários de seus períodos, sendo, pois, retratado sob diferentes perspectivas. Assim é possível observar que o indígena deixou de ter o seu caráter puramente nativo, estabelecendo-se em um entre lugar, já que não possuía mais as suas origens nem tampouco adquiriu as características do homem branco. O conto *Meu Tio o Iauaretê*, de João Guimarães Rosa, retrata essas questões, dando ênfase à perda de identidade do indígena brasileiro descrente com o papel a ele atribuído na sociedade, o que o leva a quase zoomorfização.

Palavras-chave: Índio. Identidade. Literatura.

1.0 Introdução

Para entender a questão da identidade indígena faz-se necessário refletir sobre as mudanças ocorridas com a chegada dos colonizadores europeus que adicionaram aspectos culturais do homem branco em sua crença, costume e língua, provocando assim uma espécie de descaracterização desse indivíduo que se torna um ser híbrido no que concerne aos seus hábitos.

O presente artigo tem como proposta analisar as modificações no que tange a identidade indígena, abrangendo como, por exemplo, as questões lingüísticas e o português,

¹ Mestranda em Teoria Literária pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU).



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

instaurado através dos jesuítas. Com o intuito de doutriná-los, os jesuítas aprenderam a língua indígena trazendo-os para perto do seu convívio nas aldeias.

Outro ponto a ser focado é a visão que o Romantismo e o Modernismo expressaram desse índio que, respectivamente, foi uma referência identitária para um povo e depois foi retratado de forma mais descontraída.

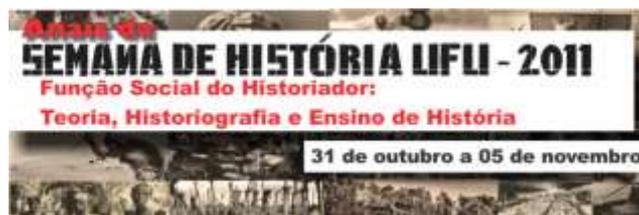
Nesse sentido, tal artigo pretende observar que essas abordagens literárias nos mostram a nova configuração do índio

A desestabilização das estruturas políticas indígenas durante a conquista, bem como a deculturação e a dizimação ocorridas durante as missões modificaram profundamente a cultura indígena e as formas de povoamento (Anna Roosevelt in GRUZINSKI, 2001, p. 31)

2.0 Um paralelo entre a visão do índio no romantismo e no modernismo

Há quinhentos e poucos anos a frota de Cabral aportou em terras brasileiras. Portugueses ficaram maravilhados com o que viram, e Caminha tratou logo de documentar tudo por meio do que, hoje, considera-se a certidão de nascimento do Brasil: a **Carta**. Tal obra apresenta um testemunho do primeiro olhar europeu sobre a “Terra de Santa Cruz”. Silvano Santiago aponta uma das características do texto:

A Carta de Caminha serve antes de mais nada, para que todos aqueles aos quais ela não se destina reflitam tanto sobre palavras e gestos que recobrem o encontro de dois bandos que se desconhecem, quanto sobre o sentido do acontecimento histórico na época das descobertas e, mais ainda, sobre o papel desempenhado pelos vários atores sociais na empreitada histórica. (SANTIAGO, 1992:80)



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

Caminha abordou vários aspectos caracterizadores da terra recém descoberta; porém, é válido, recuperar a visão do europeu em relação ao outro naquele momento, o índio que aqui habitava.

O escrivão projetou nos signos de sua escritura a visão europeia, que situou esse continente e sua raça como o centro de tudo. Ao falar dos índios, Caminha, muitas vezes, sentiu-se mais atraído pelo caráter plástico do que pela significação social e cultural. É possível perceber o etnocentrismo ou o eurocentrismo por trás de muitos equívocos mencionados na **Carta**. Donaldo Schüller refere-se a um desses equívocos:

A desinteligência não se restringe à fala e aos gestos. Qual era o sentido das pinturas que revestiam o corpo dos silvícolas? Os descobridores estavam longe de imaginar que a finalidade daquelas formas coloridas, resistentes ao contato com a água, era mais que estética. Escapava-lhes que naquelas linhas estava inscrita hierarquia, função, nacionalidade. Advertidos de que impropriamente restringimos a escrita ao alfabeto, devemos considerar aquelas cores e traços signos de um sistema de escrita pictórica, exigido pela organização social (SCHÜLLER, 2001, p.53).

Naquele momento, quem era o índio? Para Caminha, um aborígene, uma tábula rasa passível à catequese:

(...) segundo a santa tenção de Vossa Alteza fazerem-se cristãos e crerem na nossa santa fé, a qual praza a Nosso Senhor que os traga, porque certo esta gente é boa e de boa simplicidade, e imprimir-se-á ligeiramente neles qualquer cunho que lhes quiseram dar; e logo lhes Nosso Senhor deu bons corpos e bons rostos como a bons homens; e ele, que nos por aqui trouxe, creio que não foi sem causa. (CAMINHA, 2002, p. 59)

Depois dessa visão de tábula rasa, de terra de bem-aventurança eterna, confirmada pelas belas mulheres, pelo clima ameno e pela natureza exuberante é importante fixar a reflexão à ideia concebida do índio à época do nosso Romantismo.



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

Como se portou Peri, Iracema e tantos outros? O professor Alfredo Bosi, no artigo *Um mito, sacrificial: o indianismo de Alencar* (In: *Dialética da colonização*, São Paulo: Companhia das Letras, 2000) afirma que:

o esperável seria que o índio ocupasse, no imaginário pós colonial, o lugar que lhe competia, o papel de rebelde. Era, afinal, o nativo por excelência em face do invasor; o americano, como se chamava, metonimicamente, versus o europeu. Mas não foi precisamente o que se passou em nossa ficção romântica mais significativa. (BOSI, 2000, p.68)

Pensemos, portanto, em Iracema. O índio de José de Alencar é submisso ao branco europeu. Ele perde sua cultura, suas crenças para se dobrar à cultura e à crença do outro “superior”. É convertido ao cristianismo; perde sua identidade; abandona seu povo e morre pelo europeu:

O cristão moveu o passo vacilante. De repente, entre os ramos das árvores, seus olhos viram, sentada à porta da cabana, Iracema, com o filho no regaço, e o cão a brincar. Seu coração o arrojou de um ímpeto, e a alma lhe estalou nos lábios:

— Iracema!

A triste esposa e mãe só abriu os olhos, ouvindo a voz amada. Com esforço grande, pôde erguer o filho nos braços, e apresentá-lo ao pai, que o olhava extático em seu amor.

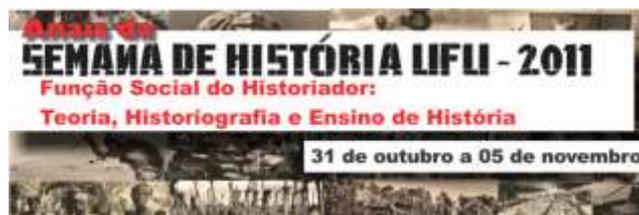
— Recebe o filho de teu sangue. Era tempo; meus seios ingratos já não tinham alimento para dar-lhe!

Pousando a criança nos braços paternos, a desventurada mãe desfaleceu, como a jetica se lhe arrancam o bulbo. O esposo viu então como a dor tinha consumido de seu belo corpo; mas a formosura ainda morava nela, como o perfume na flor caída do manacá.

Iracema não ergueu mais da rede onde a pousaram os aflitos braços de Martim. O terno esposo, em quem o amor renascera com o júbilo paterno, a cercou de carícias que encheram sua alma de alegria, mas não a puderam tornar à vida: o estame de sua flor se rompera.

(...)

Muitos guerreiros de sua raça acompanharam o chefe branco, para fundar com ele a mairi¹⁷¹ dos cristãos. Veio também um sacerdote de sua religião, de negras vestes, para plantar a cruz na terra selvagem.



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

Poti foi o primeiro que ajoelhou aos pés do sagrado lenho; não sofria ele que nada mais o separasse de seu irmão branco. Deviam ter ambos um só deus, como tinham um só coração.

Ele recebeu com o batismo o nome do santo, cujo era o dia; e o do rei, a quem ia servir, e sobre os dois o seu, na língua dos novos irmãos.¹⁷² Sua fama cresceu e ainda hoje é o orgulho da terra, onde ele primeiro viu a luz.

A mairi que Martin erguera à margem do rio, nas praias do Ceará, medrou. Germinou a palavra do Deus verdadeiro na terra selvagem; e o bronze sagrado ressoou nos vales onde rugia o maracá. (Alencar, 2004, p. 64-66)

No Romantismo, o índio foi referência identitária de uma nação que acabava de nascer independente. Cabia ao elemento “puramente” nacional representar um povo que seria então conhecido à semelhança do herói que ali idealizar-se-ia.

No Modernismo, o índio novamente ocupava um lugar central. Porém não mais de forma idealizada. Nas obras dos modernistas de 22, o nativo é apresentado com tratamento descontraído e jocoso, já que o projeto literário modernista de 22 era a realização de uma releitura crítica do passado histórico do País.

Já em *Meu tio o Iauretê*, de Guimarães Rosa, o índio configura-se como um mestiço de índia com branco. Nesse conto, o índio perdeu seus valores, sua identidade, sua cultura:

... não pertencço à raça branca de meu pai, pertencço ao clã tribal de minha mãe, cujo totem é a onça. A onça, sendo totem do clã tribal de minha mãe, é meu ancestral, meu antepassado, minha origem e a ele regresso, à onça, defraudado senhor do fogo. (GALVÃO, 1978, p. 21)

Os textos literários que abarcam a figura do índio representam um arcabouço para os estudos culturais da contemporaneidade, como tão bem colocou Walter Benjamin: “não se trata de apresentar os textos no contexto de sua época, mas sim de mostrar – através da época em que surgiram – a época que os conhece: a nossa.”



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

3.0 A questão da identidade indígena

A figura do índio, essencialmente brasileira, sofreu mudanças com a chegada dos colonizadores que interferiram em sua religião, costume, hábito e língua provocando assim uma espécie de descaracterização desse indivíduo.

Nesse sentido, pode-se atentar ao fato de que o índio tornou-se um ser híbrido no que tange ao seu costume, pois à sua cultura foram adicionados alguns aspectos da cultura do homem branco

Se os índios das Amazônia não eram “tupis que tangiam alaúde”, cedo, porém, tiveram nas mãos mercadorias européias, facões franceses ou fuzis holandeses, e foram mais depressa ainda atacados por micróbios. (GRUZINSKI, 2001, p. 31)

Assim, o índio constituiu-se como um indivíduo que não possui mais a sua cultura original e também não se insere totalmente na cultura do colonizador, se estabelecendo em um entre-lugar, que não é mais ele, originalmente, nem o outro.

O exemplo mais marcante dessa hibridização, acima citada, relaciona-se a questão lingüística, envolvendo as línguas específicas de cada tribo e a dos portugueses, instaurada através dos jesuítas que primeiramente aprenderam o Tupi e depois ensinaram o idioma da corte, bem como o latim, pois com relação ao “...ofício de converter almas... uma das competências essenciais do evangelizador é... o domínio da língua”. (DAHER, 2004, p. 18)

Pode-se também observar isso no conto, *Meu Tio o Iauaretê*, em que a questão lingüística torna-se um fator importante, considerando que suas falas são mistas do português com o tupi. O personagem tenta se expressar em português brasileiro, todavia não o faz segundo as normas padrões da língua, tornando híbrida também a sua fala, e até mesmo acrescentando a ela traços tupis, como por exemplo, ao pronunciar palavras como Nhuão que



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

designa João ou Nhô por senhor, bem como em outros nomes próprios e demais palavras: “Nhô Nhuão Guede me trouxe pr’aqui, eu nhum, sózim...” (ROSA, 1994, p. 840).

Ainda com relação à língua, outro fator relevante é a questão da passagem do tupi de oral para a escrita

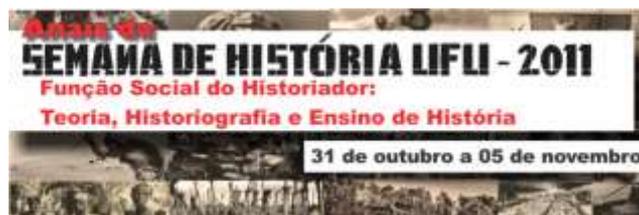
A língua tupi deve inscrever-se na temporalidade da ordem da racionalidade do império português, na homologia da língua portuguesa, a língua tupi é também subordinada a identidade católica, já que é semelhança distante (do Bem); por fim pela boa proporção da gramática, deve ser fornecida a língua tupi, desmemoriada, uma memória, que é consciência constituída como reminiscência da culpa do pecado original que todos os homens carregam. (DAHER, 2004, p. 21)

Nesse sentido, pode-se denotar a caracterização da dominação do colonizador que ao mesmo tempo em que gramaticalizava a língua nativa, também ensinava a sua no sentido de que eles relegassem a deles em prol da do colonizador, estratégia também político-econômica

A questão central da catequese estaria então, fundamentalmente ligada a escrita: produzir e estruturar a consciência do índio, sua forma de conteúdo e sua forma de expressão. Destribalizar para produzir consciência, para produzir constância. (DAHER, 2004, p.31)

Concomitante a língua, um fator importante na questão da identidade, refere-se à imposição da religião aos índios pelos jesuítas. Considerando que essa imposição estabeleceu o apagamento de seus mitos, ritos e costumes e instaurou os preceitos católicos europeus, bem como suas leis, regras e crenças

A produção de uma memória da culpa é corroborada, ainda, por uma operação de “descontextualização” do índio-catecúmeno, ou seja, uma abstração das situações mais particulares e contextualizadas (costumes, língua, ritos, etc.). (DAHER, 2004, p.33)



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

Um exemplo da questão identitária pode ser percebida em *Meu Tio o Iauaretê*, em que o personagem principal se encontra em um entre-lugar que não pratica os ritos indígenas, nem tampouco os católicos

Missa, não, de jeito nenhum! Ir para o céu eu quero. Padre, não, missionário, não, gosto disso não, não quero conversa. Tenho medalhinha de pendurar em mim, gosto de santo. (ROSA, 1994, p. 839-840)

Por mais que ele tente rejeitar o catolicismo, não indo à missa ou não gostando dos padres ou missionários, pode-se perceber a influência dessa religião no seu modo de pensar, ou seja, no fato de querer ir para o céu e usar a medalhinha de São Bento.

Outra questão identitária a ser colocada em xeque refere-se a miscigenação, ou seja, a mistura de raças. O contato do homem branco com o índio “No centro da Amazônia, a colonização acelerou a miscigenação das populações nativas...” (GRUZINSKI, 2001, p.32).

Em *Meu Tio o Iauaretê*, essa questão também se estabelece, considerando que o personagem principal é mameluco ou caboclo, ou seja, filho de pai branco com mãe índia: “Mas eu sei por que é que tá perguntando. Hum. ã-hã, por causa que eu tenho cabelo assim, olho miudinho... é. Pai meu, não. Ele era branco, homem índio não. A’ pois, minha mãe era, ela muito boa...” (ROSA, 1994, p. 840).

Ainda com relação à identidade, há também no conto *Meu Tio o Iauaretê*, a questão da perda do nome (identificação) e a transformação (metafórica) em onça do personagem principal. O índio ao longo da história foi sendo “transformado” e seus reais valores não foram levados em consideração na formação da nação, caso este que pode ser observado principalmente na questão lingüística, em que a língua portuguesa e seus principais falantes eram os dominadores.

Dessa forma, como se observa no conto acima citado, o índio de tanto conviver nos “moldes” dos brancos, foi perdendo e ao mesmo tempo adquirindo vários costumes e hábitos,



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

chegando ao ponto de “desistir” da vida em sociedade e se confundir com a natureza, querendo se tornar onça e ficando a favor dela.

A sua não denominação, caracteriza ainda mais o que esse índio deixou de ser, ficando perdidas, ou soltas no espaço, tanto a sua identidade quanto, e porque não, a sua alteridade, ou seja, o que não foi observado pelo outro, o que pode ser identificado no trecho abaixo

Ah, eu tenho todo nome. Nome meu minha mãe pôs: Bacuriquirepa. Breó, Beró, também. Pai meu me levou pra o missionário. Batizou, batizou. Nome de Tônico; bonito, será? Antonho de Eiesus... Depois me chamavam de Macuncozo, nome era de um sítio que era de outro dono, é – um sítio que chamavam Macuncozo... Agora, não tenho nome nenhum, não careço. Nhô Nhuão Guede me chamava de Tonho Tigreiro. Nhô Nhuão Guede me trouxe pr’aqui, eu nhum, sózim. Não devia! Agora tenho nome mais não... (ROSA, 1994, p. 840).

Com todo o exposto, nota-se que a identidade do índio torna-se um fator importante para o estudo dessa figura, uma vez que as modificações culturais sofridas possibilitaram uma nova visão de suas características.

4.0 Conclusão

Esse artigo buscou delinear a questão da identidade do índio que se estende desde a colonização e a reflexão desse tema em diversos períodos de época na literatura.

Dessa forma foi possível observar que o índio foi “descontextualizado”, ou seja, ele perdeu seu caráter de figura original essencialmente indígena e a ele foi atribuído outros aspectos do homem branco.

Assim, no conto de Guimarães Rosa, *Meu Tio o Iauaretê*, observou-se com relação à identidade, que o índio encontra-se em um entre-lugar influenciado pelos portugueses, no que concerne a língua, religião, costumes, entre outros fatores que configuram esse indivíduo que



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

não se adaptou totalmente aos costumes dos homens brancos, nem tampouco mantiveram os seus.

Esses aspectos são inseridos na literatura, em que em cada período de época, possui características específicas, seguindo uma trajetória que se inicia desde as primeiras manifestações literárias no Brasil com a visão do índio como submisso ao branco, tendo ênfase no romantismo a figura do índio como herói nacional e sendo retomada com a busca de um elemento brasileiro sob outra perspectiva, a de uma visão crítica de revisão de aspectos nacionais, revisitada pelo modernismo.

Referências:

- ALENCAR, José de. *Iracema*. São Paulo: Scipione, 2004.
- BENJAMIN, Walter. *Le livre des passages*. Paris: CERF, 1989
- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia da Letras, 2000.
- CAMINHA, Pero Vaz de. *Carta ao rei dom Manuel*. Belo Horizonte: Crisálida, 2002.
- DAHER, Andréa. Cultura escrita, oralidade e memória: A língua geral na América portuguesa. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). *Escrita, linguagem, objetos: leituras de história cultural*. São Paulo: EDUSC, 2004.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. *Mitológica Rosiana*. São Paulo: Ática, 1978.
- GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- ROSA, Guimarães. *Ficção completa*. Volume II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- SANTIAGO, Silviano e outros. *Tempo e História*. São Paulo: Cia das Letras, 1992.
- SCHÜLLER, Donaldo. *Na conquista do Brasil*. Cotia: Ateliê, 2001